

Aprendendo a tecer a renda que o tece: apropriação da atividade e constituição do sujeito na perspectiva histórico-cultural^{1(*)}

Andréa Vieira Zanella

Departamento de Psicologia - UFSC

Resumo

Neste trabalho são apresentadas algumas reflexões a respeito da complexa temática “constituição do sujeito”, originadas em estudo sobre a apropriação de uma atividade artesanal que se encontra em franco processo de declínio. O foco da investigação foi a relação professora-aluna de renda de bilro, as significações veiculadas, produzidas e apropriadas no contexto de “sala de aula” e as

Abstract

This paper present some reflections on the complex topic of the “constitution of the subject” derived from studies on the appropriation of a handicraft activity, which is falling into decline. The investigation was focused on the teacher-student relationship in weaving the *Bilro* lace, the employed, signifiations, produced and appropriated in the classroom context and the

¹ Learning to weave the lace that weaves: Appropriation of the activity and constitution of the subject in the socio-historic perspective.

(*) Este artigo decorre da tese de Doutorado - PUC/SUP, em 1997, com bolsa de estudos do CNPq.

inter-relações destas tanto com a história do sujeito aprendiz quanto da atividade.

interrelations with the apprentice's history and the activity itself.

Palavras-chave: constituição do sujeito; atividade; psicologia histórico-cultural.

Keywords: constitution of the subject; activity; socio-historic psychology.

A história da renda enredando a história de Nice

Decorrente do bordado, a renda de bilro surgiu em fins do século XV ou início do século XVI (SOARES, 1987) e, juntamente com a cerâmica, o bordado, a cestaria, as danças e cantigas folclóricas, compõe o legado cultural trazido para a Ilha de Santa Catarina pelos imigrantes açorianos que aí desembarcaram no século XVIII.

Até meados deste século a confecção da renda de bilro era, segundo BECK (1983), uma atividade essencialmente feminina, sendo seu produto utilizado para a ornamentação de casas e igrejas. Com o advento do turismo, porém, a renda de bilro passou a ser economicamente valorizada, pois a sua comercialização possibilitava às mulheres de pescadores das comunidades do interior da Ilha complementarem o orçamento doméstico.

Essas diferenças em relação à valoração econômica da renda de bilro em determinadas épocas da história da colonização açoriana em Florianópolis engendraram, por sua vez, diferenças no ensinar e no aprender a fazer renda. Enquanto atividade produtora de mercadorias para uso restrito no âmbito doméstico, o ensinar e o aprender eram marcados pela característica do entretenimento – juntamente com a leitura, a música e o bordado - e da constituição do gênero² feminino.³ A

² Utilizaremos, no decorrer deste trabalho, o conceito de gênero referindo-nos à "...categoria gestada pelo feminismo anglo-saxão que pretende afirmar o caráter sócio-cultural e histórico das diferenças e construções de masculinidade e feminilidade, retirando-lhes a entonação essencialista e biologicista predominante até então" (SIQUEIRA, 1997:143).

³ A atividade de confeccionar a renda de bilro era realizada no âmbito doméstico, com a presença de mães, filhas, vizinhas e demais parentes. Uma característica cultural consistia na confecção, pelas moças, de peças para o enxoval.

comercialização da renda, por sua vez, impulsionada pelo turismo, resultou no ensinar e no aprender diário, sistemático, em que as meninas eram inseridas desde pequenas na atividade - por volta de 6, 7 anos - e rapidamente passavam a produzir peças para comercialização.

Essa foi a trajetória das mulheres da família de Nice, a quem iremos aqui nos referir. Convivendo com rendeiras - suas avós, mãe e irmãs confeccionavam a renda diariamente -, Nice abandonou a atividade com 10 anos de idade para acompanhar o pai em seu trabalho de venda de leite pelas ruas da comunidade em que moravam. Após 17 anos, Nice retoma, em 1995, o fazer renda, motivada, entre outras coisas, pela sua inserção profissional: funcionária da Prefeitura Municipal, estava lotada em uma entidade cultural⁴ e desenvolvia, na época, um projeto de constituição de um acervo de piques.⁵ A retomada da atividade concretizou-se via participação, na condição de aluna, da Oficina de Renda de Bilro, ministrada por D. Judite no Casarão da Lagoa, duas vezes por semana, com duas horas de duração cada. Nice frequentou as aulas de renda a partir do dia 22/03/95, comparecendo uma vez por semana, no seu horário de trabalho, durante todo o ano. Eventualmente deixava de comparecer à aula por alguns dias - em geral por motivos de trabalho ou estudo,⁶ em outras ocasiões, comparecia às duas sessões semanais.

Registradas através de filmagens em VHS, as imagens coletadas

⁴ Casa da Cultura “Bento Silvério”, conhecida como Casarão da Lagoa, situada no bairro Lagoa da Conceição em Florianópolis/SC.

⁵ O pique, justamente com a almofada e os bilros, a linha e os alfinetes, compõem os instrumentos utilizados pelas rendeiras para a confecção da renda de bilro. Segue breve descrição dos três primeiros:

- a almofada geralmente é confeccionada pelas próprias rendeiras. Consiste em um cilindro de tecido, podendo ter tamanho variado - dependendo do modelo de renda a ser confeccionado -, cheio de capim, ervas ou folha de bananeira seca; é na almofada que a rendeira prende o pique;

- os piques, cartões de papelão perfurados com uma agulha grossa, apresentam esquematicamente o modelo de renda a ser executado. Nessas perfurações é que a rendeira colocará os alfinetes, na medida em que a renda vai sendo confeccionada através do entrecruzar dos bilros;

- os bilros, pequenas peças cilíndricas de madeira de 10 a 15 centímetros de comprimento, aproximadamente, contêm, na parte superior, a linha que, trançada, transformar-se-á em renda; na parte inferior os bilros são maiores. A troca ágil dos mesmos produz um som peculiar, sendo o “bater dos bilros” considerado pelas rendeiras uma técnica que garante a qualidade da renda, pois deixa os pontos mais firmes.

⁶ Nice cursava, na época, Biblioteconomia em uma universidade pública estadual.

das aulas consistem em relevante material que nos ajuda a compreender o processo de apropriação das significações veiculadas/produzidas no contexto das relações sociais entabuladas em sala de aula.

Aprendendo a fazer renda

Como vimos anteriormente, o fazer e o aprender a fazer renda são atividades cuja significação vem sendo modificada ao longo dos anos, em razão das transformações econômicas, políticas e sociais. Aprender a fazer renda quando esse artesanato era valorizado em decorrência do advento do turismo significava a profissionalização das aprendizes. Se naquele contexto essa atividade não motivava as meninas num primeiro momento, exigindo rigor da família para que as filhas se sentassem a cada dia frente às almofadas (vide ZANELLA, 1997), atualmente quem aprende a fazer renda o faz pelo mais genuíno interesse. Daí a procura de alguém que a possa ensinar. Esse interesse, por sua vez, não parece resultar da necessidade de um ofício: um eventual retorno financeiro decorrente da comercialização da renda não justificaria sua aprendizagem, posto a inexpressividade do mesmo. O sujeito desta pesquisa exemplifica isso: estudante de biblioteconomia em uma universidade pública estadual, Nice tinha emprego fixo e a procura pela aula de renda se deu por motivos que tentaremos, no decorrer da análise do episódio a seguir, identificar.

O episódio

Este episódio consiste em um momento da segunda aula de D. Judite no ano de 1995 e a primeira que Nice freqüentava. Outra aluna participava da aula nesse dia - a própria pesquisadora.

Nice está sentada em frente a sua almofada. D. Judite encontra-se em pé, ao lado direito de Nice e à esquerda da outra aluna. Ajeita, para Nice, os bilros na almofada (vide nota 6) de modo a ser possível iniciar a confecção de um modelo simples de renda, utilizado pela professora para ensinar alunas iniciantes que já tenham algum conhecimento de como manejar os bilros. Nice observa.

1. (D. Judite, iniciando a renda)⁷ – *Agora vamos ver se a Nice sabe fazer a perna cheia.*⁸
2. (Nice) – *Faz tanto tempo que eu não faço perna cheia! Vamos ver.*
3. (D. Judite) – *Vai fazer é perna magra! (risos).*
4. (Nice) – *Perna magra... Perna torta! (risos).*
5. (D. Judite) – *Não, tua perna é grossa, tem que fazer perna grossa... Será que tu sabes tecê, sabe?* [Ajeita os bilros e os entrega para Nice].
6. (Nice, segurando os bilros) – *Não, sei: passar eu sei. Não é assim que se passa [confeccionando]?*
7. (D. Judite, olhando para as mãos de Nice) – *Isso...*
8. (Nice) – *Eu sei, só não tem jeito de levar pra cima* [continua a tecer em silêncio].
9. (Dona Judite, afastando-se) – *Tem, tem. Agora não olho mais para ti, porque eu não olhei para a Andréa e ela fez direitinho.*
10. (Andréa, confeccionando) – *É, mas isso foi casualidade, D. Judite.*
11. (D. Judite) – *Mas é assim mesmo, quando eu olhava para as outras, elas não faziam, elas ficavam... (inaudível)*
12. (Nice) – *... preocupadas.*
13. (D. Judite) – *É, ficavam preocupadas.* [As duas alunas tecem em silêncio]
14. (D. Judite) – *Nice, chama, hein?*
15. (Nice, tecendo) – *A minha vai ficar muito grande, eu acho.*
16. (D. Judite, distante) – *É até onde tem esse furinho.*
17. (Nice) – *Humm! Como é que diminui, daí?*
18. (D. Judite) – *Já vou chegando lá... [aproximando-se]. Ói que bonita a da Nice, óh!* [Chama a atenção da outra aluna para o trabalho de Nice].

⁷ Na transcrição do episódio utilizou-se o sinal de parênteses para indicar a pessoa que fala. Os colchetes, por sua vez, trazem a descrição dos movimentos dos sujeitos: se aparecem junto com as falas, isto é, na mesma linha, sinalizam simultaneidade. Do contrário, aparecem em outra linha, indicando, portanto, que houve o gesto desacompanhado de fala. Os colchetes são utilizados também para explicações que a pesquisadora julgou necessárias

⁸ A “perna cheia” é considerado um dos pontos mais difíceis de se aprender, pois exige grande habilidade com os bilros e coordenação de ações variadas.

19. (Nice) - *Tá bonita?* [risos].
20. (Andréa) - *Já fez a perna! Olha quem disse que não sabia fazer!*
21. (D. Judite) - *É até ali, Nice, ó* [sinaliza com um alfinete, enquanto Nice continua tecendo].
22. (Nice) - *Mas daí...*
23. (D. Judite) - *Mas daí, quando vai chegando no finzinho, tu vai dando um jeito de ficar mais magrinha no fim, que é pra ficar bonitinha* [faz movimento com as mãos. Volta-se para olhar o trabalho da outra aluna].
24. (Nice) - *Isso porque é a primeira, daí ela tá fazendo assim comigo prá eu, pra mim não correr* [risos].
25. (Andréa) - *Prá não desanimar* [Dona Judite observa, em pé, a renda de Andréa].
26. (Nice) - *Depois vai levar um susto aqui!* [risos].
27. (Andréa) - *Ah, mas isso é filha de rendeira, já sabe até o jeito de fazer.*
28. (D. Judite) - *É, então, então!*
29. (Nice) - *Quê que adianta ser filha de rendeira e não fazer renda, não é, D. Judite?* [D. Judite senta entre as duas alunas e continuam a conversar sobre o tema, enquanto estas últimas confeccionam a renda].

Antes de freqüentar essa primeira aula de renda, Nice já havia aprendido alguns pontos com sua mãe e irmãs que são rendeiras e ainda hoje tecem a renda de bilro com relativa freqüência. Como já foi mencionado, passados 17 anos Nice retoma o processo de aprender a confeccionar a renda motivada, em princípio, pelo seu trabalho de montagem de um acervo de piques. No episódio anterior podemos encontrar também outro motivo que leva Nice a retomar a atividade. No turno 29 ela diz: - *Quê que adianta ser filha de rendeira e não fazer renda, não é, D. Judite?* Essa fala nos revela a importância que a aprendiz atribui à atividade, importância essa que expressa, por sua vez, a significação da atividade para o grupo social no qual busca se inserir.

Ser rendeira é uma condição culturalmente valorizada na Lagoa da Conceição e em outras localidades da Ilha de Santa Catarina, apesar de irrelevante do ponto de vista econômico. Ao retomar a atividade, Nice parece

resgatar mais a sua própria história do que responder às necessidades profissionais.

Essa história está presente em todo o episódio transcrito anteriormente. Ao iniciar a atividade, a conversa de Nice e D. Judite gira em torno tanto da história pessoal da “Nice rendeira” - que sabe algumas coisas em relação à atividade, o que é valorizado pela professora - quanto em torno da tradição que envolve a renda de bilro. Mais do que uma simples conversa sobre um ponto da renda (a perna cheia), transita pelas falas da professora e sua aluna o modelo estético esperado (a perna cheia gorda), modelo esse que materializa a história dessa atividade cultural.

Na conversa, D. Judite procura resgatar o que Nice já sabe, como se apostasse no conhecimento prévio da aluna: - *Será que tu sabes tecer, não sabe?* (turno 5). Nice confirma o que já domina - o passar os bilros - demonstrando para a professora esse conhecimento e solicitando desta a confirmação da adequação do procedimento adotado (turno 6). Em seguida, aponta o que se constitui, ao seu ver, como uma dificuldade: - *Eu sei, só não tem jeito de levar pra cima* (turno 8). D. Judite desconsidera a questão pontuada pela aluna (turno 9), provavelmente (e a continuação da sua fala no turno 9 nos dá pistas para isso) por acreditar que esta seja capaz de realizar a ação como um todo. A postura da professora, neste caso, parece configurar-se mais como um desafio à própria aluna do que como desconsideração em relação à dúvida apresentada.

Na continuação desse turno e nos seguintes (de 9 a 13), a conversa gira não mais em torno das ações em si, mas da relação professora/alunas no processo de ensinar e aprender a fazer renda. Para D. Judite, o deixar as aprendizes realizarem independentemente a atividade constitui-se como fator que, de certo modo, garante o resultado final desejado, pois - *...quando eu olhava para as outras [alunas] elas não faziam, elas ficavam (...) preocupadas* (turnos 11 e 13).

O que essa fala nos indica? Além de outros aspectos, a compreensão por parte de D. Judite do papel diferenciado que ocupa em relação aos alunos. Não é somente a pessoa que ensina, mas que, ao ensinar, exerce uma certa autoridade que, pela reação dos alunos, lhe é delegada e respeitada. Do contrário, por qual razão ficariam os alunos preocupados quando a professora acompanha a execução das ações?

A partir do turno 15, a interlocução volta a girar em torno do processo de ensinar/aprender a renda, cujos protagonistas principais são Nice e D. Judite. Nice anuncia o provável resultado de sua ação, o tamanho exagerado da perna cheia (turno 15), e D. Judite procura, ainda que à distância, regular a ação da aluna, indicando o pique enquanto sinalizador do que deve ser feito: - *É até onde tem esse furinho* (turno 16).

Na continuação, Nice apresenta à professora a sua dúvida (turno 17): se o tamanho do ponto esperado é o indicado pelo pique, como proceder para terminar a perna cheia? Como diminuí-la?

Após fazer referência à qualidade do trabalho da aluna (turno 18) e breve conversa sobre a questão da qual a outra aluna participou, D. Judite volta a indicar o pique, sinalizando o tamanho esperado da perna cheia (turno 21). Nice retoma, ainda que laconicamente (turno 22), a sua dúvida: como terminar a perna cheia? A professora, desta vez, responde à questão sem, contudo, indicar verbalmente o que a aluna deve fazer para obter o resultado esperado: *...quando vai chegando no finzinho tu vai dando um jeito de ficar mais magrinha no fim, que é pra ficar bonitinha* (turno 23).

Mas que jeito é esse? O movimento que acompanha a fala de D. Judite tampouco se constitui, em princípio, como sinalizador capaz de esclarecer a dúvida da aluna. De qualquer modo, Nice consegue “dar um jeito” e finaliza a perna cheia. Como aconteceu, no entanto, é difícil explicar: será que Nice conseguiu traduzir os gestos de D. Judite e apropriar-se de uma suposta representação da ação veiculada pelo mesmo? Ou será que ela já sabia o que fazer, assim como já sabia “passar os bilros”, não tendo, contudo, certeza disso? Ou ainda: será que frente ao desafio e à pouca ajuda recebida, encontrou independentemente a solução para o impasse?

Na continuação do episódio (turnos 24 a 29), Nice responde à forma elogiosa pela qual D. Judite se dirigiu ao seu trabalho em momento anterior e, concomitantemente, sinaliza a expectativa que tem em relação ao seu próprio trabalho. Ao fazer isso, fornece-nos dados sobre a forma pela qual a professora conduz o processo de ensinar a fazer renda para essa aluna: valorizar o trabalho da aprendiz para que esta não desanime e prossiga na atividade.

Apresentando alguns elementos para reflexão

O episódio anterior permite-nos vislumbrar a complexidade do processo de apropriação de uma atividade que, ao mesmo tempo em que é singular, enreda-se em uma trama onde múltiplas vozes se apresentam, onde o “eu” e os “outros” se diferenciam e se mesclam, compondo um todo complexo, múltiplo. Pois vejamos:

Todo indivíduo enquanto ser social insere-se, desde o momento em que nasce, em um contexto cultural, apropriando-se dele e modificando-o ativamente, ao mesmo tempo em que é por ele modificado. O que aqui denominamos “apropriação” aproxima-se do conceito de “internalização”, utilizado por VYGOTSKI para indicar o movimento de “reconstrução interna de uma operação externa”, movimento pelo qual as funções psicológicas superiores,⁹ originariamente partilhadas, singularizam-se pelo sujeito, à medida em que este passa a utilizar os signos como elementos reguladores de suas ações.¹⁰

Os signos, por sua vez, constituem-se como produções sociais que permitem ao homem:

... através de processos de substituição ou representacionais (uma espécie de 'jogo de simulação'), [...] conferir ao real outra forma de existência: a existência simbólica. Isto torna o real cognoscível e comunicável. Graças à invenção de sistemas de signos, particularmente o lingüístico, o homem pode nomear as coisas e suas experiências (dizer o que elas são, pensá-las);

⁹Para VYGOTSKI, o conceito da função psicológica superior ...está constituído pelos processos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento: o idioma, a escrita, o cálculo, o desenho; em segundo lugar, está constituído pelos processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais, não limitadas nem determinadas de nenhuma forma precisa e que tem sido denominadas pela psicologia tradicional com os nomes de atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos, etc. (VYGOTSKI, 1987:32).

¹⁰ Para VYGOTSKI (1996:112): *Toda forma superior de comportamento aparece em cena duas vezes durante seu desenvolvimento: primeiro, como forma coletiva do mesmo, como forma interpsicológica, um procedimento externo do comportamento. Não nos damos conta desse fato porque sua cotidianidade nos cega. O exemplo mais claro disto é a linguagem. No princípio, é um meio de vínculo das crianças e aqueles que a rodeiam mas, no momento em que a criança começa a falar para si, pode se considerar como a transposição da forma coletiva de comportamento, para a prática do comportamento individual.*

¹¹ Categoria cunhada pela autora, em que as condições de execução dos pontos na renda somam-se à possibilidade tanto de ação independente quanto de criação. Diferencia-se,

compartilhar estas experiências com outros e interrelacionar-se com eles, afetando seus comportamentos e sendo por eles afetado; transformar-se ele mesmo e desenvolver diferentes níveis de consciência a respeito da realidade social - cultural e de si mesmo (PINO, 1995:33).

O conceito de apropriação é aqui utilizado para designar esse movimento pelo qual o indivíduo “toma posse” (entendido como tornar próprio, fazer uso consciente e deliberado) de algo que se passa, inicialmente, no campo intersubjetivo. Cabe esclarecer, porém, que a apropriação não se dá de “fora para dentro”, pois os processos mentais... conservam sua natureza social ou pública, não obstante o fato de constituírem acontecimentos privados” (PINO, 1992:325).

Intersubjetividade é entendida como o espaço público do encontro de contextos privados, mutuamente constitutivos; é o espaço da relação “eu-outro”, onde o “...eu e o outro são conceitos relacionais e não conceitos referentes a entidades que se formam separadamente e entram em contato” (GÓES, 1992:338).

Esse encontro, por sua vez, não necessariamente se configura como confluência: o encontro pode tanto acolher quanto confrontar; tanto ajustar quanto romper limites; tanto ir em busca quanto em direção de. E é nesse cenário - do encontro/desencontro que o sujeito se constitui enquanto uno/social, na medida em que se apropria das significações produzidas nesse contexto.

É portanto a significação da realidade que é apropriada - e não a realidade em si -, significação esta constituída nas relações sociais. A significação refere-se a “o que as coisas querem dizer”, aquilo que alguma coisa significa. Como as coisas não significam por si só, e nem tão pouco significam a mesma coisa para indivíduos diferentes, depreende-se que a significação é fenômeno das interações, sendo, pois, social e historicamente produzida.

As significações em trânsito: a renda que enreda

O episódio aqui apresentado é um fragmento do processo de apropriação do fazer renda por parte de Nice. No decorrer do ano ela efetivamente consegue se apropriar da atividade, pois houve “...a

apropriação do processo como um todo, o que possibilita à aluna Compreender e Saber Fazer¹¹ os pontos, utilizando-se adequadamente dos instrumentos mediadores da ação. Ao concluir a Oficina de Renda, o desenho do pique como instrumento mediador é utilizado por Nice em um nível mais complexo: além de permitir identificar os pontos a serem executados e a seqüência dos mesmos - adquirindo, assim, o caráter de sinalizador das ações futuras, possibilita à rendeira visualizar e antecipar o produto final do trabalho. Desse modo, o pique orienta a atividade de fazer renda como um todo, pois sua leitura e utilização permite estabelecer as relações entre as diferentes ações que a atividade compreende e seus instrumentos mediadores” (ZANELLA, 1997:83).

Nice, portanto, aprende a fazer renda. Mas isso garante que ela seja uma rendeira? Ou melhor, que ela seja reconhecida como tal pelo grupo no qual deseja se incluir? Questões difíceis de responder, pois implicam em saber o que significa para ela, assim como para as rendeiras da Lagoa da Conceição, o “ser rendeira” (vide ZANELLA, BALBINOT & PEREIRA, 1999).

Essas significações são veiculadas, no contexto de sala de aula, tanto pela professora, a porta-voz qualificada da tradição (afinal, ela é rendeira, reconhecida enquanto tal, que não só sabe fazer renda como ensina outros a fazerem), quanto por Nice, que conhece a atividade e convive cotidianamente com a mesma. As várias significações em relação à atividade de fazer renda são, portanto, do conhecimento de Nice antes mesmo dela se apropriar da atividade.

Outras significações são ali produzidas, resultantes do embate entre as múltiplas vozes dos diferentes sujeitos, a partir dos lugares sociais que ocupam nesse contexto, e dos vários sujeitos outros que compõem a tessitura social que teceu esses mesmos sujeitos. Isto porque “...quando eu falo, ao mesmo tempo que eu, falamos ‘nós’; nós, a comunidade cálida da qual somos parte. Mas não há somente o ‘nós’: no ‘eu falo’ também está o ‘se fala’. Fala-se, algo anônimo, algo que é a coletividade fria. Em cada ‘eu’ humano há algo do ‘nós’ e do ‘se’. Pois o eu não é puro e não está só, nem é único. Se não existisse o se, o eu não poderia

falar” (MORIN, 1996:54).

Bem, mas nas falas, considerando que são singulares/sociais, há um sujeito que faz uso da palavra, e é a esse sujeito que aqui vamos nos referir. Pois vejamos o caso de D. Judite, a professora/rendeira: como intervém? De que forma ocupa o seu lugar de professora? É possível afirmar que ela aposta no conhecimento da aluna, tanto que coloca os bilros em suas mãos para que confeccione a perna cheia sem apresentar nenhuma instrução prévia. A expectativa, porém, não é das melhores: a aposta é que o resultado não vá corresponder ao modelo cultural (“- Vai fazer a perna magra”!). Decorre daí a surpresa com o resultado, que ela ajudou e não ajudou a construir: afinal, apostou na aluna, indicou o pique como sinalizador do tamanho da perna cheia, apresentou o gesto (sinalizador?) junto com a instrução de que a aluna deveria dar um jeito para terminar. Ao mesmo tempo, as instruções foram lacunares: o sinalizar com o gesto substitui a explicação, e a palavra que o acompanha apresenta-se em sua função meramente indicativa.

A despeito disso, a aluna aprende a fazer renda. Ou será exatamente por isso? Afinal, que sujeito é esse que lida com as lacunas da instrução, que “dá um jeito”? De certo modo é alguém que lida com a disjunção, a separação, que transita no tempo e estabelece relações entre o anteriormente aprendido, o gesto da professora e a situação que tem diante de si: estabelece relações que a permitem articular movimentos, conhecimentos e modelos culturalmente valorizados.

Em suma: as significações da atividade - como vimos no caso da renda de bilro - vão se transformando ao longo dos anos, assim como se transformam as relações entre os próprios homens, decorrentes das alterações do seu viver. O ensinar/aprender essa atividade, por sua vez, também se transformam. Em consequência, modificam-se esses mesmos homens, agentes dessas contínuas mudanças, pois:

... a sociedade é, sem dúvida, o produto de interações entre indivíduos. Essas interações, por sua vez, criam uma organização que tem qualidades próprias, em particular a linguagem e a cultura. Essas mesmas qualidades retroatuam sobre os indivíduos desde que vêm ao mundo, dando-lhes linguagem, cultura, etc. (MORIN, 1996:48).

A cultura - ou as manifestações culturais, tal como a renda de bilro aqui apresentada - derivam, pois, da atividade humana conjunta; por sua vez, as características singulares de cada indivíduo também derivam da atividade social, sendo, portanto, social e historicamente constituídas. Assim, ao apropriar-se da cultura o homem constitui a sua singularidade e, concomitantemente, imprime a sua marca no contexto do qual participa ativamente. Desse modo, podemos entender que ensinar e aprender a fazer renda são atividades que contribuem, em maior ou em menor grau, dependendo das significações engendradas e apropriadas pelos sujeitos que as executam, para a constituição desses mesmos sujeitos. Difícil explicitar como, em que medida, os papéis tanto do outro quanto do próprio sujeito nesse processo.

Referências bibliográficas

- BECK, A.; COSTA, C. M.; TORRENS, J. C.; LACERDA, E. P. *Trabalho Limpo: a renda de bilro e a reprodução familiar*. Florianópolis : Ed. da UFSC. 1983.
- GÓES, Maria Cecília Os Modos de Participação do Outro no Funcionamento do Sujeito. *Educação e Sociedade*, n.º 42, ago./1992
- _____. Os modos de participação do outro nos processos de significação do sujeito. In: *Temas em Psicologia*, n.º 1. 1993.
- MORIN, Edgar. A Noção de Sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre : Artes Médicas. 1996.
- PINO, Angel. As Categorias de Público e Privado na Análise do Processo de Internalização. In: *Educação e Sociedade*, n.º 42, agosto. 1992.
- _____. Processos de Significação e Constituição do Sujeito. In: *Temas em Psicologia*, n.º 1. 1993.
- _____. Semiótica e Cognição na Perspectiva Histórico-Cultural. In: *Temas em Psicologia*, n.º 2. 1995.
- SIQUEIRA, M.^a Juracy T. *A Constituição do Sujeito e a Divisão Sexual do Trabalho na Família: análise do caso de um homem dono-de-casa*. São Paulo : USP. Tese (Instituto de Psicologia). 1997.
- SOARES, Doralécio. *Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis : Fundação Catarinense de Cultura. 1987.
- VYGOTSKI, Lev S. *História del Desarrollo de Las Funciones*

- Psíquicas Superiores*. Habana/Cuba : Ed. Científico-Técnica. 1987.
- _____. *Obras Escogidas I: problemas teóricos y metodológicos de la psicología*. Madrid : Visor Distribuciones. 1991a
- _____. *Obras Escogidas II: problemas de psicología general*. Madrid : Visor Distribuciones. 1991b.
- _____. *Obras Escogidas III: problemas del desarrollo de la psique*. Madrid : Visor Distribuciones. 1991c.
- _____. *Teoria e Método em Psicologia*. São Paulo : Martins Fontes. 1996.
- ZANELLA, Andréa Vieira. *O ensinar e o aprender a fazer renda de bilro: estudo sobre a apropriação da atividade na perspectiva histórico-cultural*. São Paulo : PUC. Tese (Psicologia da Educação). 1997.
- _____; BALBINOT, G., PEREIRA, R. S. *Tu me Ensina a Fazer Renda que eu te Ensino a ... Inovar: um estudo do processo de constituir-se rendeira à luz da psicologia histórico-cultural*. (Prelo)